

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE ARQUIVOLOGIA

WALQUÍRIA CABRAL OLIVEIRA DE AMORIM

**CONFRONTAÇÃO DE GÊNEROS DOCUMENTAIS : RESGATE DA MEMÓRIA  
INDIVIDUAL DE ANAYDE BEIRIZ**

JOÃO PESSOA  
2014

WALQUÍRIA CABRAL OLIVEIRA DE AMORIM

**CONFRONTAÇÃO DE GÊNEROS DOCUMENTAIS: RESGATE DA MEMÓRIA  
INDIVIDUAL DE ANAYDE BEIRIZ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência para obtenção de Título de Bacharel ao Curso de Graduação em Arquivologia, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba – Campus V.

**Orientadora:** Profa. Ma. Wendia Oliveira de Andrade

JOÃO PESSOA  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

**A524c** Amorim, Walquíria Cabral Oliveira de  
Confrontação de gêneros documentais [manuscrito] : resgate da memória individual de Anayde Beiriz / Walquíria Cabral Oliveira de Amorim. - 2014.  
60 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Wendia Oliveira de Andrade, Departamento de Arquivologia".

1. Anayde Beiriz. 2. Gêneros documentais. 3. Memória. 4. Revolução de 1930. I. Título.

21. ed. CDD 363.69

WALQUÍRIA CABRAL OLIVEIRA DE AMORIM

**CONFRONTAÇÃO DE GÊNEROS DOCUMENTAIS: RESGATE DA  
MEMÓRIA INDIVIDUAL DE ANAYDE BEIRIZ**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como exigência para  
obtenção de Título de Bacharel ao Curso  
de Graduação em Arquivologia, Centro de  
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas,  
Universidade Estadual da Paraíba –  
Campus V.

APROVADA EM 27 / 11 / 2014

**BANCA EXAMINADORA**

*Wendia Oliveira de Andrade*

---

**Profa. Ma. Wendia Oliveira de Andrade (Orientadora)**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Edilson Targino de Melo Filho*

---

**Prof. Me. Edilson Targino de Melo Filho (Membro Externo)**  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

*Maria Amélia Teixeira da Silva*

---

**Profa. Ma. Maria Amélia Teixeira da Silva (Membro Interno)**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho ao meu esposo João Amorim e aos meus filhos Ruy Netto e Yanko Amorim que me apoiaram contribuindo enormemente para a realização do meu sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por seu amor infinito, por estar sempre presente nos momentos mais difíceis, me guardando e me amparando.

Ao meu esposo João Amorim pelo seu apoio, força e dedicação, sem as quais eu não conseguiria perseverar em busca de meu sonho.

Aos meus filhos: Ruy Netto e Yanko Cabral verdadeiros presentes de Deus na minha vida e fonte de toda minha vontade de realizar, sou lhes grata por todo amor, carinho e cuidados dispensados a mim.

Aos meus pais pelas suas lições de vida, da minha mãe amada (in memoriam) a mais doce lembrança, a certeza de que sem seus ensinamentos eu não seria o que sou hoje, uma mulher feliz e uma boa mãe.

Aos meus queridos irmãos, Wanessa, Marco Túlio, Suzana e Rayanne pela importância que tem na minha vida por torcerem tanto pelo meu sucesso.

Aos meus queridos professores da Universidade Estadual da Paraíba, todos os que passaram ao longo da minha vida acadêmica, em especial a minha orientadora Wendia Andrade Oliveira, por cultivar em mim confiança e o estímulo e incentivo para prosseguir em busca de meus objetivos, por contribuir para a minha formação profissional.

Ao querido professor Roberto Jorge sou grata pela sua dedicação e incentivo. A professora Esmeralda Porfírio, pelo carinho e seus conselhos preciosos. Ao professor Henrique França pela dedicação e atenção a todos os alunos. Ao professor Eutrópio Bezerra por sua alegria e ensinamentos fundamentais. A professora Maria Amélia por sua solicitude e carinho.

Aos meus colegas em especial aos que se tornaram amigos e que irei levar para toda vida, o meu sincero agradecimento por terem sido tão generosos e carinhosos, me auxiliando nas dificuldades .

“Por tanto amor por tanta emoção a vida me fez assim doce ou atroz, manso ou  
feroz,  
Eu caçador de mim.”

Milton Nascimento

## RESUMO

O presente trabalho busca resgatar através da perspectiva arquivística a memória da professora e poetisa paraibana Anayde da Costa Beiriz por meio da confrontação de duas obras de referência em suportes e gêneros distintos o livro do escritor paraibano José Jofilly intitulado Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30 e o filme da cineasta carioca Tizuka Yamasaki, Parahyba, Mulher Macho. Expomos as relações de suportes e gêneros documentais, demonstrando que cada um pode conter informações divergentes devido ao processo criativo próprio de cada autor, podendo assim apresentar informações e “distorções” acerca da vida de Anayde Beiriz. Refletimos conceitos de memória individual e coletiva de pensadores renomados sobre a temática, Maurice Halbwachs e Jacques Le Goff. Para realizar o resgate da memória de Anayde Beiriz se fez necessário relatar o contexto político sócio-político e econômico da época, enfatizando o risco de ocorrer manipulação de memória quando há uma luta de classes, no qual poderá existir uma tendência à adulteração da história em favor da classe dominante. Incluímos a função social dos arquivos e sua imparcialidade como instrumento de salvaguarda de memória.

**Palavras-chave:** Anayde Beiriz. Gêneros documentais. Memória. Revolução -1930.



## ABSTRACT

The present work reconstructs the memory of the paraibana professor and poet Anayde da Costa Beiriz through the comparison of two reference works in different genres and media: the book of the writer José Joffily, "Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30" and the film of the Brazilian filmmaker Tizuka Yamasaki, "Parahyba, Mulher Macho". We expose the relations between media and documental genres, showing that each one can contain information and "distortions" about the life of Anayde Beiriz. We reflected about concepts of individual and collective memory of renowned thinkers on the subject, as Maurice Halbwachs and Jacques Le Goff. To accomplish the memory rescue about Anayde Beiriz was required to report the socio-political and economic context of that time, emphasizing the risk of memory manipulation when there is a class struggle, in which there may exist a tendency in favor of the ruling class. We included the archive social function and its impartiality as an instrument to safeguard memory.

**Keywords:** Anayde Beiriz. Documental Genres. Memory. 1930 Revolution.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Capa do livro Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30	20
<b>Figura 2</b>	Anayde Beiriz diplomada professora	21
<b>Figura 3</b>	Pôster do filme Parahyba, Mulher Macho	23
<b>Figura 4</b>	Divulgação de relançamento do livro Porque João Dantas assassinou João Pessoa.	24
<b>Figura 5</b>	Foto do Filme Parahyba Mulher Macho	26
<b>Figura 6</b>	Foto de João Pessoa	30
<b>Figura 7</b>	Anayde Beiriz e João Dantas	34
<b>Figura 8</b>	A invasão e o incêndio dos pertences de João Dantas	35
<b>Figura 9</b>	Foto de João Dantas e Augusto Moreira Caldas mortos na prisão	36
<b>Figura 10</b>	Foto de João Dantas e Augusto Moreira Caldas mortos na prisão supostamente original	37
<b>Figura 11</b>	Certidão de óbito de Anayde Beiriz	39

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

- PRM - Partido Republicano Mineiro
- PRP - Partido Republicano Paulista
- TI - Tecnologia da Informação
- UFPB - Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1	OBJETIVO GERAL.....	15
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
<b>2</b>	<b>O SUPORTE E GÊNERO COMO ELEMENTOS DO DOCUMENTO.....</b>	<b>16</b>
2.1	CONFRONTAÇÃO LIVRO X FILME.....	18
2.1.1	Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30.....	19
2.1.2	Parahyba, Mulher Macho	22
<b>3</b>	<b>A FUNÇÃO SOCIAL DOS ARQUIVOS E A MEMÓRIA DE ANAYDE ...</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>UM OLHAR PARA A PARAÍBA DE ANAYDE BEIRIZ.....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>ANAYDE BEIRIZ, A PANTHERA DE OLHOS DORMENTES .....</b>	<b>32</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>41</b>
6.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	41
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>45</b>
	<b>ANEXOS</b>	
	<b>ANEXO A</b> – Foto do Palácio da Redenção, sede do governo do Estado da Paraíba.	<b>49</b>
	<b>ANEXO B</b> – Foto do Palácio da Redenção com destaque para o Mausoléu de João Pessoa.	<b>50</b>
	<b>ANEXO C</b> – Foto da última casa em que morou Anayde Beiriz	<b>51</b>
	<b>ANEXO D</b> – Foto com destaque para a placa com o nome de Anayde Beiriz incorreto	<b>52</b>
	<b>ANEXO E</b> – Diploma de Anayde Beiriz, comprovando o nome correto	<b>53</b>
	<b>ANEXO F</b> – Poema encontrado no cofre de João Dantas, foto do livro Anayde Beiriz Paixão e Morte na Revolução de 30	<b>54</b>
	<b>ANEXO G</b> – Foto de carta de repúdio a João Pessoa escrita por João Dantas publicada na imprensa de Pernambuco.	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A memória pode ser construída, reconstruída, contada, recontada e resgatada com auxílio de vários recursos optamos por recontar a história de Anayde Beiriz utilizando conceitos calcados na arquivologia que é a área do conhecimento galgada nas ciências sociais, que através de seus princípios atua na gestão da informação e o seu acesso aos usuários.

É interdisciplinar a Arquivologia, por auxiliar e utilizar fundamentos de outras ciências sociais dentre as quais exemplificamos a História, a Biblioteconomia e a Sociologia; nesse trabalho a função de construir e preservar a memória de uma sociedade tem essa característica interdisciplinar.

Segundo Halbwachs (1990, p.55) “ as palavras e os pensamentos morrem mas os escritos pernamecem.” Desde a antiguidade o homem viu a necessidade de fazer registros (documentos) acerca de todas as suas atividades (sociais, administrativas, econômicas etc.) e com isso os documentos passaram a ser instrumentos de transmissão/disseminação de informação, de cultura e de memória. Enfocamos nessa pesquisa dois elementos externos dos documentos o suporte e o gênero com o recorte em duas obras de ficção consideradas documentos narrativos. O intuito foi de destacar a crucialidade da relação suporte/gênero visto que inexistem documentos sem a presença dos mesmos, toda informação terá de ser registrada em algum suporte e utilizar algum código (gênero) para comunicá-la.

O homem primitivo antes da invenção da escrita já registrava nas paredes das cavernas cenas de seu cotidiano através de desenhos e sinais, sob suportes e gêneros que dispunham e sem esses registros muita informação teria se perdido e talvez nós não teríamos conhecimento do modo de viver dessa época.

Com o passar do tempo esses elementos externos os suportes e gêneros dos documentos foram se modernizando apareceram novos suportes e novos gêneros os quais na perspectiva desse trabalho optamos por apresentar duas obras de ficção de suportes e gêneros diferentes, configurados como documentos narrativos sobre uma mesma temática.

De acordo com Fugueras e Cruz (1999, p.17) “documento histórico narrativo es el testimonio escrito que da fe de un hecho, pero que carece de forma legal”. Assim entendemos que o documento narrativo é um testemunho de uma época revelando a maneira em que determinado fato aconteceu ou atuar como transmissor

de memória, mas esse documentos não tem força legal porque são carregados da perspectiva do autor sobre o fato que ele quer comunicar.

Exemplificando o papel do documento narrativo poderíamos citar algumas obras célebres com essa característica, mas optamos por uma muito conhecida: Os Lusíadas, de Luís Vaz de Camões. Em linhas gerais narra a viagem do navegador Vasco da Gama e a descoberta do caminho para as Índias, o autor mesclou a narrativa da viagem, com descrição de feitos históricos de Portugal e ação de personagens mitológicos gregos, podemos atestar que o autor revela traços da história de seu país, mas não pode atuar como comprovação de fato.

Abordamos e confrontamos a utilização de duas obras dois documentos narrativos de ficção em suportes diferentes papel e película cinematográfica e gêneros distintos um de gênero textual e outro audiovisual para reconstruir a memória de Anayde da Costa Beiriz a qual não pode ser facilmente acessada, sendo necessário recorrer a esses documentos para tal intento. Os documentos confrontados são duas obras, o livro de José Jofilly intitulado Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30 e o de gênero audiovisual o filme de Tizuka Yamasaki, Parahyba Mulher Macho e demonstramos como podem ocorrer controvérsias entre documentos narrativos dos mesmos fatos pois é uma obra de ficção e carrega as crenças, os valores e ideologias do autor.

Precipuaente o grande motivo pelo qual enveredamos pelos caminhos que nos levam a recuperar a memória da professora e poetisa Anayde Beiriz foi a possibilidade de confrontar os gêneros arquivísticos, resgatar reflexões históricas e culturais paraibanas entre outros elementos que serão descritos ao longo do trabalho. Para uma melhor compreensão apresentamos o contexto social, econômico e político em que viveu e morreu Anayde Beiriz, a Paraíba do final dos anos 20 e início da década de 30, período conhecido como “Revolução de 30”. Não há como não relatar mesmo que brevemente algo que nos chamou atenção durante as pesquisas relacionadas à Anayde<sup>1</sup> e os preconceitos sofridos por ela por ser uma mulher atípica a seu tempo, culta, independente, condição que a fazia mal vista pela sociedade essencialmente machista e conservadora.

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto referiremo-nos a Anayde da Costa Beiriz apenas por seu prenome.

Demonstramos que o maior “pecado” de Anayde Beiriz não foi estar envolvida indiretamente de acordo com alguns autores<sup>2</sup> no assassinato de João Pessoa ou mesmo na política da época, sua visibilidade partira do preconceito da sociedade a qual se encontrava imersa. Sua memória encontra-se envolta em mistérios e controvérsias; mas que hoje certamente enquadraríamos Anayde como sendo vítima de violência de gênero, pois ela buscou desenvolver sua intelectualidade e independência financeira, rompendo com papel atribuído as mulheres (recato, submissão) e buscar essa autonomia não era visto com bons olhos pela sociedade da época, que a julgou e condenou através de difamações e repúdio.

Realizamos um trabalho meticuloso e com muito esmero de pesquisa não somente ao recorte proposto, as duas obras confrontadas, mas buscamos documentos oficiais que comprovassem os fatos mais marcantes da vida de Anayde Beiriz expostos nas obras referidas e seus escritos que foram queimados quase em sua maioria, restando apenas uma ínfima parte com os familiares.

A gravidade dessa situação se evidencia no livro de Joffily(1980, p.55) onde ele afirma que durante 30 anos não se tinha notícia de onde estaria o corpo de Anayde Beiriz, restava apenas uma carta da Madre Superiora, Maria José de Nazaré Breves, dando a notícia da morte de Anayde Beiriz no Asilo Bom Pastor no Recife e essa informação só foi possível por intermédio de uma entrevista feita a uma freira que fora testemunha da sua morte.

Nessas circunstâncias é possível perceber o grande desafio dessa pesquisa, desde a escolha do objeto de pesquisa ao recorte, pois as fontes confiáveis eram poucas e de difícil acesso. Para a Arquivologia é importante explorar tanto os suportes quanto os gêneros documentais, no caso da nossa pesquisa buscamos ir além, mas confrontá-los como busca de resgate memorial de uma mulher à frente de seu tempo: Anayde.

Determinamos a escolha do tema sobretudo por discorrer sobre a condição das mulheres que de alguma forma tiveram suas memórias distorcidas ao longo da história configurando também uma forma de violência contra as mesmas.

---

<sup>2</sup> José Joffily, Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30. Rio de Janeiro, 1980, p.24.

Optamos por Anayde por considerá-la vítima de preconceito imputado pela sociedade da época por se tratar de uma mulher à frente de seu tempo que queria alcançar seus objetivos e que não aceitava as regras da sociedade machista.

Com base no exposto apresentamos os objetivos da pesquisa:

#### 1.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar os gêneros documentais (textual e audiovisual) como subsídios para resgate da memória de Anayde Beiriz.

#### 1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever as relações de suportes e gêneros documentais (textual e audiovisual) na perspectiva arquivística;
- Demonstrar os aspectos informacionais relacionados à Anayde Beiriz no tocante aos gêneros descritos;
- Tecer uma crítica acerca das obras apresentadas, demonstrando como pode ser prejudicial para a memória de uma pessoa a ausência de documentos oficiais que comprovem os fatos relatados em obras de ficção.



## 2 O SUPORTE E GÊNERO COMO ELEMENTOS DO DOCUMENTO

A princípio analisamos os elementos do documento a fim de estabelecer conceitos acerca dos mesmos.

De acordo com Gomez e Dominguez (2007, p.15) em todo documento aparecem três elementos: o suporte, o gênero e a informação. O suporte é o material no qual está fixado a informação, que pode ser pedra, tábuas de argila, bronze, madeira, pergaminho, papel, cds, dvds, etc. O gênero é o meio de fixação ou a linguagem eleita para fixar a informação no suporte, por exemplo: textual, imagem, fotografia, audiovisual, pinturas etc. A informação é a mensagem, o conteúdo do documento, (uma carta, um livro, um testamento, uma lei, um filme etc.) que apresentará informações desde que o emissor e receptor comunguem da mesma língua da mensagem.

De acordo com Rousseau e Couture (1998, p.36) os primeiros suportes utilizados foram as placas de argila encontradas nas civilizações da Alta Antiguidade e da Antiguidade capaz de nos revelar vestígios dessas culturas. Outro exemplo de suporte encontrado em civilizações antigas é o papiro, advindo de uma planta originária das margens do Rio Nilo, a *Cyperus Papyrus*, era usada a sua fibra principalmente as do caule, foi largamente aproveitada pelas antigas civilizações localizadas ao longo do Nilo, eram principalmente a egípcia alguns conservados até hoje.

Segundo Santiago (1976, não páginado) O couro foi também um suporte muito empregado para registrar informações, normalmente era feito de couro de carneiro e polido, depois de tratado era chamado de pergaminho, este nome é uma alusão a cidade de Pérgamo, na Ásia Menor, onde supõe-se que esse suporte nasceu há 1000 anos a.C. A vantagem deste material era que as informações poderiam ser apagadas podendo reutilizar o mesmo pergaminho para registrar outras informações e era muito resistente sendo utilizada por quase toda Idade Média.

E finalmente o papel (origem da palavra papel vem do latim *papyrus*) um dos suportes mais utilizados no mundo para a difusão da informação e do conhecimento humano. De acordo com Queiroz et al (2011, p.1) os chineses começaram a otimizar a fabricação do papel a partir de folhas de bambu e seda, no ano de 231 a.C, aperfeiçoando para o papel que conhecemos tal como conhecemos

hoje por volta do ano 105 d.C e só sendo disseminado a partir do século XV atrelada a invenção do papel está também o desenvolvimento de novas técnicas de impressão trazidas inicialmente da China e aperfeiçoada pelo alemão Gutemberg. Hoje a matéria-prima do papel é a madeira a qual é transformada em pasta de celulose através de processos mecânicos ou químicos.

Outro suporte que devemos considerar para o desenvolvimento do nosso trabalho é a película cinematográfica. Os formatos mais usados no cinema são o 35mm, o mais utilizado, o 16mm e o Super 8 mais antigo.

O gênero configura também um aspecto físico e externo dos documentos, é através dele que comunicamos ou informamos algo. Segundo Bellotto ( 2002, p.25):

O gênero é a configuração que assume um documento de acordo com o sistema de signos utilizados na comunicação do seu conteúdo, permitindo que seja denominado textual, iconográfico, sonoro, audiovisual, informático.

Podemos transmitir uma informação através da escrita, de desenhos, de sons, filmes ou códigos binários. A utilização desses signos assim como o suporte nos remete a pré-história, o homem em sociedade começou a desenvolver uma linguagem para comunicar-se primeiro através de gritos e grunidos para expressar seus sentimentos e registrar informações sobre suas ações ou transmitir cultura antes da invenção da escrita por meio de pinturas rupestres, feitas com sangue de animais, saliva e argila, essas pinturas geralmente mostravam animais, pessoas, caça e rituais, eram comuns também a escultura em ossos, madeira e pedra.

Segundo Gimenez e Nunes (2004, s.p.) há aproximadamente 3.500 a.C os sumérios utilizavam a escrita cuneiforme tratava-se de um sistema pictográficos que se transformou em sinais silábicos e fonéticos onde eram aplicados centenas de sinais inscritos nas placas de argila. Por volta de 3.100 a.C os egípcios criaram os hieróglifos, eram desenhos e símbolos que reproduziam ideias e objetos inscritos nos papiros e paredes das pirâmides, iam sendo agregados formando textos, daí vem o nascimento do gênero textual que se inova com a invenção da imprensa por Gutemberg no século XV.

O gênero audiovisual associa som e imagem a exemplo dos filmes e vídeos em seus diversos suportes seja película cinematográfica ou suporte eletrônico-digital. No caso do filme é utilizado uma câmera cinematográfica que captura as imagens e as fixa na película (suporte), e são projetadas de maneira muito rápida e consecutiva tendo-se a ilusão que as imagens estão em movimento.

## 2.1 CONFRONTAÇÃO LIVRO X FILME

Avaliamos vários aspectos relacionados a esses dois documentos narrativos de ficção o livro Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30 e o filme Parahyba, Mulher Macho, mas o que vamos destacar é a confrontação entre seus suportes e gêneros.

Primeiramente observamos a visibilidade de cada um. O livro foi escrito e editado em 1980, após assistirmos o filme constatamos que o mesmo foi baseado no referido livro e registramos que tivemos muita dificuldade para conseguir um exemplar impresso, encontrando-o apenas em um sebo<sup>3</sup> da cidade onde havia em estoque apenas dois exemplares.

O filme na época do lançamento em 1983, foi bem divulgado pela imprensa nacional e foi contemplado com vários prêmios nacionais e internacionais dentre eles: Melhor longa-metragem , categoria júri popular no Festival de Brasília-DF, 1983; no Festival de Cartagena em 1983 foi premiado em três categorias, melhor direção para Tizuka Yamazaki, melhor atriz para Tânia Alves e melhor filme. Podemos atribuir a visibilidade pela sensualidade que se apresentava juntamente com a força da mulher nordestina.

O livro por ser uma obra de um autor nativo da Paraíba, não obteve evidência merecida, dentre os fatores elencamos a dificuldade de disseminação da obra, a cultura de não incentivo a leitura regional e ainda temos o pouco reconhecimento dos artistas literários nacionais; todos esses fatores fizeram com que o filme ganhasse conotação de realidade dos fatos sobre Anayde.

O filme mesmo que baseado no livro era a perspectiva de Tizuka Yamasaki, gaúcha e reconhecida nacionalmente pelas obras anteriores como Bar Esperança, Rio Babilônia e Idade da Terra.

A grande discrepância entre os suportes e gêneros descritos estão na configuração que presumimos que cada um assume perante o público. O livro representa para a grande parte da população como uma forma apenas de aprendizado limitando sua importância apenas para estudiosos e pesquisadores, entendida para a grande massa quase sempre como algo enfadonho enquanto que o filme é caracterizado como uma forma de entretenimento e de lazer.

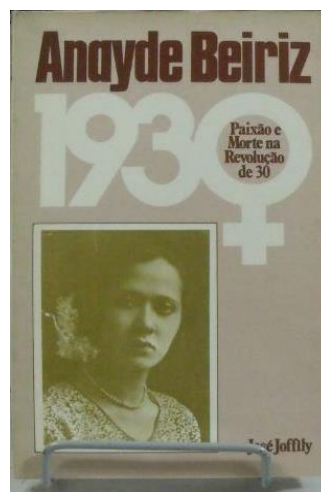
---

<sup>3</sup> Livraria especializada em venda de livros usados e raros.

### 2.1.1 Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30

O livro foi escrito em 1980, editado pela Companhia Brasileira de Artes Gráficas no Rio de Janeiro, contém 144 páginas e 21 cm de dimensão. Seu autor José Joffily Bezerra de Melo nasceu em 25 de março de 1914 em Pocinhos na Paraíba. Lutou como soldado na Revolução de 30, destacou-se como político, empresário e historiador. Morreu em Londrina-PR em 08 de junho de 1994.

**Figura 1** – Capa do livro Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30



**Fonte:** Joffily (1983)

Resultado de uma pesquisa histórica em fontes diversas: Arquivos públicos e particulares, bibliotecas públicas e particulares, depoimentos, jornais e revistas. O livro contém 141 páginas dividido em nove capítulos. No prefácio do livro de Joffily escrito por Célia Musilli Hollanda, traz um estudo sobre quatro textos de Anayde, segundo ele os únicos que não foram queimados, classificados por ela como uma literatura “intimista, mística e sensual”, mostrando que recebeu influências da Semana de Arte Moderna de 1922, Anayde faz uma crítica a condição da mulher de sua época, vejamos: JOFFILY apud BEIRIZ, (1980,p.12-13)

Nasci  
 Nasceu  
 Cresceu  
 Namorou  
 Noivou  
 Casou  
 Noite Nupcial  
 As telhas viram tudo  
 Se as moças fossem telhas não se casariam

No capítulo seguinte o autor propõe uma análise do contexto histórico para que os leitores entendam o drama de Anayde Beiriz, expõe a situação econômica do país e particularmente da Paraíba dos anos 20 que com sua economia basicamente agropastoril neste período sofria uma grave crise pois sofria ataque de pragas às lavouras, dizimando principalmente as plantações de algodão. A maioria do povo vivia em casebres sem água e sem eletricidade.

Conforme Leal (1965 Apud JOFFILY,1980 p.19), “ Na Paraíba, em 1927, 77,7% da população era constituída por analfabetos.” O autor destaca esses dados com intuito de demonstrar o ambiente de extrema dificuldade em que viveu Anayde, ele começa a discorrer sobre a sua infância, sua vida escolar, a diplomação na Escola Normal em 1922, suas preferências literárias, sua vida profissional como professora para adultos numa Vila de pescadores em Cabedelo e por seu comportamento e ideias liberais era mal vista na sociedade.

Empreende críticas à sociedade da época que o próprio denomina como: “A sociedade patriarcal, intolerante e inimiga do acesso ao mercado do trabalho para a mulher não-proletária, só o admitia para costuras, bordados e outras prendas domésticas.” (Ibid., p.19). Podemos com essa consideração adentrar no mundo de adversidades em que Anayde viveu e morreu.

**Figura 2** – Anayde Beiriz diplomada professora



**Fonte:** Joffily (1980, p. 71)

Nos é revelado os costumes, os tabus, numa sociedade onde para os filhos varões tudo era permitido e essa afirmação era demonstrada no dito popular utilizado meio que na penumbra até os dias de hoje “ meus bodes estão soltos. Quem quiser prendam suas cabritas”. A partir daí o autor relata a trajetória de Anayde como poetisa e participante ativa de reuniões de intelectuais onde era muito impraticável a presença feminina. Joffily (1980, p.37) faz uma reflexão do momento político demonstrando que a corrupção já povoava o nosso Estado e sobre isso faz referência à construção do Porto da Paraíba:

Foram enterrados ali, na lama do Sanhauá, numa simulação de obras mal iniciadas, 24 mil contos, cujo o poder aquisitivo seria hoje equivalente a 10 milhões de cruzeiros essa imensa fortuna foi criminosamente usurpada, num pacto velado de corrupção, por quase todos os comerciantes da Paraíba.

O autor menciona importantes acontecimentos mundiais a exemplo da Revolução Soviética. Explana sobre as circunstâncias que antecederam a Revolução de 30 no nosso Estado e simultaneamente narra o romance de Anayde Beiriz e João Dantas e finalmente o assassinato de João Pessoa, o desencadear da Revolução e a tragédia de João Dantas e Anayde Beiriz.

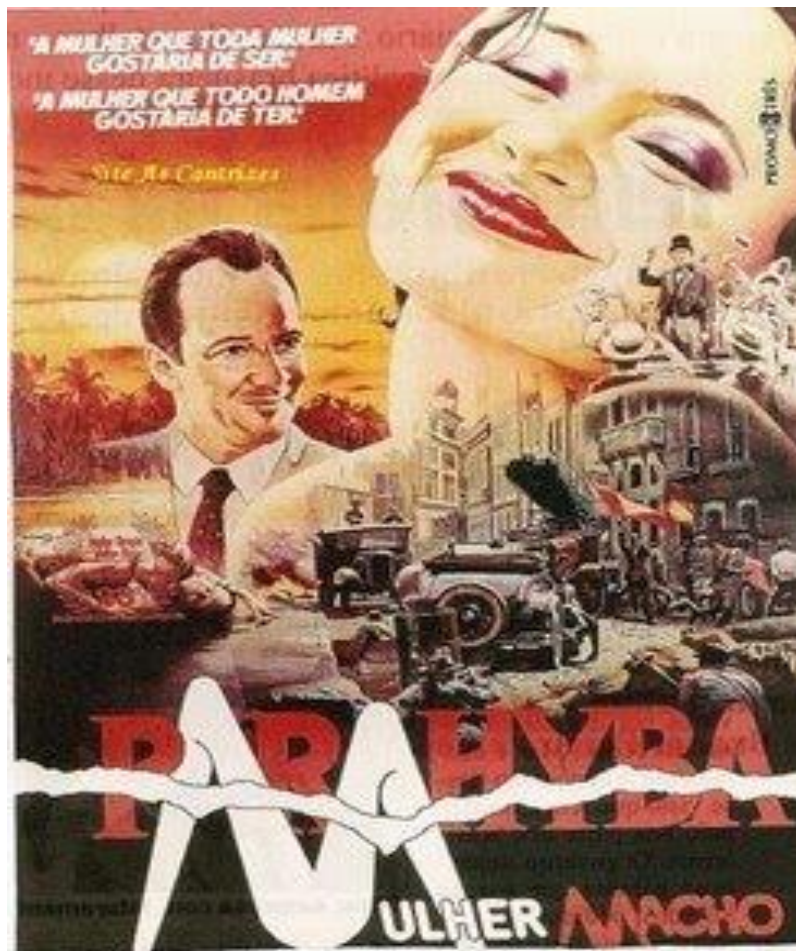
Fica muito evidente no livro a intenção de Joffily de recompor a imagem de Anayde, posicionando-a como vítima do preconceito e mostrando a sociedade da época como um algoz que discriminou, perseguiu até arrastá-la para o suicídio.

### 2.1.2 Parahyba, Mulher Macho

É um filme da cineasta gaúcha Tizuka Yamasaki, radicada em São Paulo, na época do lançamento do filme Parahyba, Mulher Macho em 1983 ela já era reconhecida nacionalmente por suas obras para a televisão e cinema. O filme é um drama baseado no livro Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30 de José Joffly é categoria longa metragem foi produzido no Rio de Janeiro e o suporte utilizado foi película filmográfica de 35mm, colorido com duração de 88 minutos.

O elenco dispunha de atores de grande evidência no cenário nacional como: Tânia Alves (Anayde Beiriz), Cláudio Marzo (João Dantas), Walmor Chagas (João Pessoa) e outros. Utilizaram como locações: Recife, Olinda, Gravatá, Ilha de Itamaracá, Suape, Gaibu em Pernambuco e Cabedelo na Paraíba.

**Figura 3** – Pôster do filme Parahyba, Mulher Macho



**Fonte:** Banco de imagens do Google (2014)



Expõe a história de Anayde, sua vida escolar, seu desempenho como professora e poetisa sua luta para vencer os preconceitos existentes na década de 20 na Paraíba afrontou a sociedade manifestando suas ideias e pensamentos, seja através de seus escritos ou de sua maneira de agir. A cineasta demonstra isto sempre com uma dose exacerbada de erotismo.

Contextualiza o momento histórico a pré- revolução na Paraíba, o Estado dividido entre dois grupos políticos: a Aliança Liberal de João Pessoa e os Perrepistas aliados ao coronel Zé Pereira. O caso de amor de Anayde e João Dantas foi descrito em meio a essa efervescência política misturando cenas de intimidade dos amantes e a situação de conflito. Ela diverge da versão do livro referente a morte de João Dantas e seu cunhado Augusto Moreira Caldas na prisão em Recife, pois Joffily (1980, p.53) afirma que os dois cometeram suicídio. Sobre isso ele afirma:

Para se chegar à evidência do suicídio-a-dois bastaria o exame dos bilhetes deixados por ambos sob os travesseiros. Como poderiam estes documentos de despedida, escrito em instante derradeiro, apresentar a correta redação, o talhe da letra e a autenticidade das assinaturas, se tudo fosse feito no tumulto de um feroz trucidamento [...].

Na película os dois encarcerados são assassinados na prisão supostamente pela polícia. Há outros autores que corroboram com essa versão a exemplo de Joaquim Moreira Caldas irmão de Augusto Caldas, no seu livro Porque João Dantas assassinou João Pessoa publicado pela primeira vez em 1930, retirado de circulação por 76 anos e resgatado pela ONG Paraíba Verdade e relançado em 2008 cedendo os direitos de reprodução ao Sebo Cultural. (Blog Lentes Cangaceiras, 2008).

**Figura 4** – Divulgação de relançamento do livro Porque João Dantas assassinou João Pessoa.



Fonte: ONG Paraíba Verdade (2008)



A autora segue a ordem dos fatos do livro, porém não apresenta a cena da morte de Anayde, a última cena aparece Anayde andando sem rumo em meio a um conflito nas ruas da cidade do Recife, e deixa subtendido que Anayde enlouquecera, apenas aparece uma inscrição informando que alguns dias depois ela seria encontrada morta no asilo Bom Pastor no Recife.

O filme causou muita polêmica, ao exibir imagens de uma Anayde sensual em demasia, era uma marca dos filmes nacionais da época. Vejamos que mesmo o filme baseado no livro de Joffily, apresenta distorções que ficaram muito perceptíveis e por essa razão foi muito criticado principalmente pela família de Anayde Beiriz.

O avant premier exibido no cinema do Hotel Tambaú na capital paraibana, com a presença de políticos, intelectuais, artistas e representantes de movimentos sociais, a diretora do filme Tizuka Yamasaki e os atores: Tânia Alves (Anayde Beiriz), Cláudio Marzo (João Dantas) e Walmor Chagas (João Pessoa). Após a exibição do filme, segundo a narrativa do jornalista Rogério Vidal, do Jornal A União que cobria o evento, houve um debate onde a cineasta se defendeu das críticas com a seguinte fala (SILVA, 2008 apud VIDAL, 1983):

Esse filme é uma versão minha e dos autores do filme. E pode ser interpretada de diversas formas: para uns Anayde é heróica, para outros é traidora. A visão do filme é a visão de uma pessoa que estão querendo mostrar que a história oprime e que a sociedade mata.[...]

Yamasaki ao se referir ao filme deixa explícito que a função primária do filme não é apenas contar a história real de Anayde, mas fazer uma crítica à história apontando como ela pode ser modificada em favor de classes mais favorecidas, e a sociedade sendo capaz de matar para conservar intocáveis seus costumes, e condenar aqueles que ousarem mudar.

A autora segue a ordem dos fatos do livro de Joffily(1980), porém não apresenta a cena da morte de Anayde, a última cena aparece Anayde andando sem rumo em meio a um conflito nas ruas da cidade do Recife, sem rumo e deixa subtendido que Anayde enlouquecera, apenas aparece uma inscrição informando que alguns dias depois ela seria encontrada morta no asilo Bom Pastor no Recife.

O filme expõe de modo exagerado a sexualidade de Anayde, ao contrário de ressaltar as ideias, o talento com as letras e o sonho de conquistar direitos

igualitários para as mulheres, o filme mostra Anayde apenas como a amante do assassino de João Pessoa.

**Figura 5** – Foto do Filme Parahyba Mulher Macho



**Fonte** – Banco de imagens Google, 2014

### 3 A FUNÇÃO SOCIAL DOS ARQUIVOS E A MEMÓRIA DE ANAYDE

A arquivologia contribui para a construção de memória através dos procedimentos básicos: A avaliação e a seleção de documentos arquivísticos, o arquivista utilizando-se da prática e fundamentos teóricos tem o poder de construir e reconstruir a memória e identidade. Segundo Godoy (2009, p.1) ” O direito à memória e a informação/conhecimento é o próprio esteio da Arquivologia.” Essa afirmação nos oferece real dimensão da função social dos arquivos, o arquivo é responsável pela transmissão de memória, conhecimento e cultura de um grupo social para gerações futuras que utilizando essas informações serão capazes de revisar e reconstruir com impressões do seu tempo sua própria memória e identidade.

A existência dos arquivos vem desde a antiguidade. O homem sempre teve a necessidade de registrar sua história, guardar sua memória, os gregos já cultuavam a deusa *Mnenosyne*, a deusa da memória, eles já demonstravam zelo para com a acumulação de conhecimento.

Como a construção da memória de Anayde Beiriz está em um dos o foco deste trabalho cabe exploramos a base teórica de dois autores para norteá-lo, sejam: Maurice Halwachs e Jacques Le Goff, pensadores que em nossa concepção demonstram com mais clareza os princípios da memória. De acordo com Halwachs (1990, p.36) “a memória individual não está inteiramente isolada e fechada.” Um homem para evocar seu próprio passado necessita apelar às lembranças dos outros.

No caso de Anayde essa frase vem contribuir de forma contundente, pois não havia por parte da sociedade dominante da época o desejo de que a memória da professora fosse preservada, já que seus registros e escritos foram destruídos conforme nossos estudos ao visitar a história oficial havia um propósito de condená-la ao esquecimento e em contrapartida exaltar a imagem de João Pessoa como mártir da Revolução de 30. E se hoje estamos a pesquisar buscando vestígios da sua passagem pela história é porque alguém contemporâneo de seu tempo guardou e transmitiu. E a nossa pesquisa figura como exemplo de que a memória não é estática mesmo com versões históricas oficiais é possível visitar a história para a reconstituir memória e a identidade.

O período histórico vivenciado por Anayde estava muito suscetível a sofrer adulteração de memória. Havia uma disputa entre classes uma dominante representada pelo poder sócio-político e econômico a Aliança Liberal personificado no presidente João Pessoa a oposição representada por João Dantas, perrepista<sup>4</sup>, aliado do Coronel Zé Pereira líder da Revolta de Princesa, que comandava a rebelião separatista (dominados). De acordo com Le Goff (1990, p.426):

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva

Como ocorreu no caso Anayde, presumimos que ela foi um exemplo de como a memória de um personagem pode ser manipulada quando se trata de disputa de poderes. Em nome do poder as pessoas esquecem, maculam ou constroem um mártir ou um vilão. Anayde Beiriz pertencia a classe dominada, era do povo, uma simples professora, por esse motivo passível de ter sua memória manipulada em favor da classe dominante, para a sociedade da época ela foi o pivô do assassinato do presidente João Pessoa.

“Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30”, escrito cinquenta anos depois da morte de Anayde Beiriz, por José Joffily, embuído do desejo de fazer justiça à pessoa de Anayde Beiriz escreveu:

Impossível compreender o presente sem explicar o passado. Sem o apoio da juventude seria inútil questionar a velha versão dominante. Restabelecer a verdade quando se trata do interesse coletivo, é imposição da própria História; ainda que o interesse da pesquisa esteja restrito ao plano individual, é imperativo da mais rudimentar consciência da justiça. (JOFFILY, 1980, p.15)

O escritor argumenta que para entendermos os acontecimentos do presente é necessário compreender o passado, interpelar as ditas “versões oficiais”, para o conhecimento da verdade e como forma de fazer justiça aos menos favorecidos e resgatar a sua memória como no caso de Anayde e tantos outros.

---

<sup>4</sup> Perrepista era indivíduo filiado ao PRP (Partido Republicano Paulista)

#### 4 UM OLHAR PARA A PARAÍBA DE ANAYDE BEIRIZ

Para abordarmos a Paraíba dos anos 20 pré Revolução de 30 contextualizamos brevemente o momento político no Brasil. Neste período tiveram destaque a cultura e a política com a fundação do Partido Comunista Brasileiro em 1922 e a Fundação do Partido Democrático de São Paulo em 1926, formado pela oligarquia paulista rompidos com o PRP.

Na cultura o grande acontecimento foi a Semana de Arte Moderna, que buscou uma arte de raízes brasileiras onde se destacaram: Mário de Andrade, (Macunaíma – o herói sem caráter, 1928), Oswald de Andrade, (Manifesto Antropófago, 1928), Heitor Villa Lobos, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral.

As insatisfações com o regime da época decorriam das pressões das oposições civis, militares e de ordem interna.

As divergências começaram a crescer a partir de 1922, quando o PRM (Partido Republicano Mineiro) com a indicação Artur Bernardes, governador de Minas Gerais à presidência, mas não recebeu apoio dos partidos republicanos do Rio Grande do Sul e outros estados, dividindo os políticos na Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco formando a Reação Republicana que tinha como candidato Nilo Peçanha. Assim os quartéis e os tenentes iniciaram algumas revoltas com a Rebelião do Forte de Copacabana em julho de 1922. Mas mesmo assim Artur Bernardes foi eleito governador por 4 anos sob estado de sítio enfrentando as oposições, os tenentes da Coluna Prestes e os movimentos operários.

No final da década o Brasil enfrentava uma grave crise econômica, sob a presidência de Washington Luís (1926-1930). Essa crise provocou insatisfação entre os produtores de café, e o presidente não adotou medidas para salvar o café, como a não concessão de financiamentos para os cafeicultores pelo Banco do Brasil.

Em 1929, Washington Luís lançou o nome de Júlio Prestes como candidato à presidência. Em Minas essa indicação foi vista com bons olhos, pelo acordo do café-com-leite, era a vez de um candidato mineiro. Insatisfeitos os governadores de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba formaram a Aliança liberal e lançaram a candidatura de Getúlio Vargas à presidência que tinha como vice-presidente João Pessoa, governador da Paraíba.

**Figura 6** – Foto de João Pessoa



**Fonte:** Site Folha Uol,( 2014)

As eleições foram fraudadas e venceu a chapa de Júlio Prestes, os representantes mais jovens das oligarquias oposicionistas não aceitavam o resultado e estavam dispostos a romper com o pacto entre as oligarquias conseguindo apoio dos tenentistas e forças populares. A morte de João Pessoa surgiu como precedente para o golpe, mas podemos verificar dois autores que consultamos trazem o episódio da morte de João Pessoa de formas distintas:

Segundo Vicentino e Dorigo (2006, p.431): “Em 26 de julho de 1930, ainda antes da posse do candidato eleito, João Pessoa foi assassinado. Os motivos prendiam-se a disputas locais paraibanas.”. E de acordo com Teixeira (2000, p. 256) “[...] a 26 de julho era assassinado no Recife o companheiro de chapa de Getúlio Vargas, o paraibano João Pessoa. O crime se deu por razões particulares, mas seus efeitos sobre a política nacional foram fulminantes.” Nem mesmo versões oficiais chegam a um consenso sobre a motivação do assassinato de João Pessoa, e os nomes de João Dantas e Anayde Beiriz não são sequer citados.

Depois de nos situarmos no momento em que o país estava vivendo, descreveremos a conjuntura da mesma época na Paraíba fundamental para o nosso trabalho.

A Paraíba dos anos 20 tinha uma economia baseada na agricultura de subsistência e na exportação de café, algodão, açúcar e peles. Sendo que a lavoura de café havia sido consumida por uma praga o *Cerococcus Parahybensis* levando o estado a uma grave crise. A maioria das famílias paraibanas viviam em casebres sem água e sem energia. Mais de 77% da população era analfabeta.

A sociedade paraibana era patriarcal e conservadora, não admitindo que a mulher se inserisse no mercado de trabalho sendo reservada a elas apenas os trabalhos as prendas domésticas. As que conseguissem estudar tinham destino certo a Escola Normal para exercerem o magistério para crianças. Nessa época no estado não existiam universidades, apenas o Seminário Diocesano. Para caracterizar a situação da mulher neste período recorreremos a Joffily (1980, p. 34):

Dentro de uma conjuntura sócio-econômica tão primitiva, primitivo haveria de ser necessariamente o código de honra patriarcal, configurado por um princípio ético de a mulher devia ser bem “protegida” deveria se portar como uma criatura passiva e assexuada, à semelhança de uma “sinhazinha” ao tempo da escravidão.

Diante dessa afirmação podemos ter noção de como era árdua a vidas das mulheres desse período, eram seres criados apenas para a procriação e a satisfação dos homens, não tinham direito a educação, ao trabalho, não podiam participar da vida política, não podiam votar, não podiam expor suas ideias.

Neste tempo o infortúnio da fome era presente e por isso eram altos os índices de mortalidade infantil. Revisitando o nosso passado é possível desvendar o sentido de um ditado proferido por nossos avós quando comentavam a voracidade de algum membro da família ou convidado ao sentar-se à sua mesa “fulano está com a fome de 30”, isto é memória.

Os artistas paraibanos foram influenciados pela Semana de Arte Moderna destacando Joaquim Inojosa, companheiro de Oswald de Andrade e adiante iremos constatar que os raros escritos de Anayde que sobreviveram sofreram influências do movimento.

A Paraíba vivia o período de maior agitação de sua história na política, participava ativamente do período pré revolução. A Aliança Liberal formada pelos

Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e a Paraíba para enfrentar o candidato do governo à presidência nas eleições de 1930 Júlio Prestes. A Aliança Liberal lançou como candidato à presidência o gaúcho Getúlio Vargas e como vice-presidente João Pessoa então governador da Paraíba.

João Pessoa enfrentava um conflito interno, a Revolta de Princesa, liderada pelo Coronel José Pereira de Lima (Zé Pereira) nas cidades do interior era comum existir a liderança de um coronel.

O conflito se deu na cidade de Princesa Isabel, cidade do sertão, o então Coronel Zé Pereira se rebelou contra as medidas econômicas e políticas praticadas no governo de João Pessoa e a sua não indicação à Câmara dos deputados se sentindo excluído declarou apoio aos adversários da Aliança Liberal os perrepistas, reuniu 150 jagunços, expulsou os soldados do governo estadual, o prefeito e o presidente da Câmara municipal e declarou independência, enfrentando várias batalhas e resistindo bravamente por 5 meses, o conflito só teve fim com a morte de João Pessoa em 26 de julho de 1930, quando o presidente Washington Luís enviou a Princesa Isabel 600 soldados e o Coronel não ofereceu resistência.



## 5 ANAYDE BEIRIZ, A PANTHERA DE OLHOS DORMENTES

Anayde da Costa Beiriz, nascida em 18 de fevereiro de 1905, na cidade da Parahyba, atual João Pessoa, filha de um tipógrafo e José da Costa Beiriz e , na infância dizia que queria ser médica , mas acabou sendo diplomada na Escola Normal em maio de 1922, mesmo se destacando só conseguiu exercer sua profissão numa escola para adultos na colônia de pescadores Z2, na cidade de Cabedelo.

Amante das letras, a professora Anayde Beiriz era conhecida no meio artístico e assídua frequentadora de saraus poéticos e dançantes mantinha bom relacionamento com jornalistas e intelectuais, bela e espontânea tinha a alcunha entre os amigos de Panthera de Olhos Dormentes, chegou a ganhar um concurso de beleza realizado pelo Jornal Correio da Manhã.

Se vestia nos moldes mais modernos, seus cabelos curtos e maquiagem eram um escândalo para a época, mas no entanto ela não se importava e seguia sendo ela mesma. Parece simples mas naquele tempo a discriminação começava nas bilheterias dos cinemas as primeiras filas bem separadas das demais, eram destinadas às” mundanas” nessa classe eram inseridas artistas e prostitutas, que eram reconhecidas pelas vestes e pelo uso do batom, Anayde não dispensava o batom e o rouge<sup>5</sup> conhecido hoje por blush e usado pela grande maioria das mulheres.

Nos quatro textos que sobraram segundo Joffily, é possível resgatar a memória individual de Anayde no que diz respeito a sua personalidade e seus anseios. As heroínas de seus escritos exibem traços comuns a sua própria identidade, são mulheres românticas e irreverentes capazes de atos extremos por amor semelhante ao amor devotado por ela a João Dantas. Sua escrita sem métrica e sem rima demonstra que recebeu influências da Semana de Arte Moderna de 1922. Vejamos um fragmento do seu texto Na Trama do Destino citado por (Ibid.,1980, p.10): “Que frêmito lhe percorria o corpo, só em pensar na viagem que os levou à Nápoles, onde fluíram momentos de gozo intenso e de volúpias indescritíveis.”

Neste verso Anayde no texto Lembrando as Ondulações do Mar citado por Joffily (1980, p.11), combina notas de saudade e erotismo muito presente em suas

---

<sup>5</sup> Cosmético cuja a cor varia entre a vermelha e a rosa usado pelas as mulheres para pintar as faces.

composições. É fácil perceber em outro texto Lembrando as Ondulações do Mar a marca dos simbolistas como a autocontemplação:

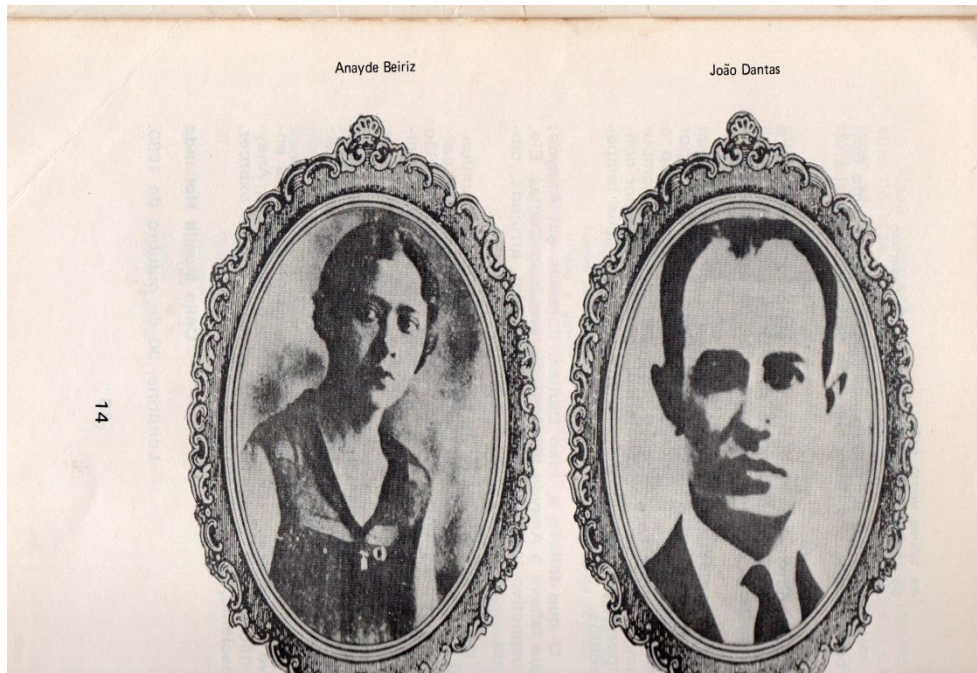
Embebendo meu espírito a embalsamar toda a terra, pensei: porque o homem é tão pequeno diante das maravilhas de Deus? Por que o coração humano é tão estreito para conter tanta saudade?

No trecho acima ela reúne contemplação e faz uma comparação entre Deus e o homem, ela destaca a grandeza de Deus e a pequenez da humanidade e ao mesmo tempo expressa o sentimento que invade seu coração, saudade.

João Dantas quando começou o romance com Anayde Beiriz em 1928 tinha 40 anos, era advogado, de personalidade sóbria, calado e reservado, mantinha por Anayde ardorosa paixão correspondida por ela. Era perrepista adversário político da Aliança Liberal do presidente João Pessoa, do qual era crítico feroz nos seus artigos. E Anayde apoiava o noivo apenas por companheirismo não se tem notícia de que ela tenha se filiado a algum partido ou tenha participado de alguma associação, mas mostrava inconformismo com a posição da mulher diante da sociedade e a hipocrisia social.

Demonstrou através de artigos sua opinião pelo voto feminino, que só veio acontecer após sua morte no fim da revolução. O relacionamento de Anayde com João Dantas era visto com repúdio e discriminação, é certo que várias amigas se afastaram com receio de que fossem também hostilizadas. O romance de Anayde Beiriz e João Dantas era intenso e eles costumavam registrar em papéis versos contendo detalhes das intimidades amorosas, o que eles não sabiam é que esse hábito desencadearia a destruição de suas vidas.

**Figura 7 – Anayde Beiriz e João Dantas**



**Fonte:**Joffilly (1980)

Com o acirramento dos conflitos entre perrepistas e liberais depois das eleições de 1930, e a expansão dos combates na cidade de Princesa Isabel, João Pessoa começou a apertar o cêrco contra os adversários, e tomou medidas extremas, determinou que as casa dos suspeitos de apoiarem a Revolta de Princesa fossem revistadas à procura de armas e escritos que comprovassem alguma ligação com o Coronel Zé Pereira. João Dantas seria um dos alvos pois era notório que o mesmo não era simpatizante do presidente João Pessoa a julgar pelos artigos de sua autoria empreendendo críticas ao presidente. O apartamento de João Dantas foi invadido em 10 de julho de 1930, sobre esse episódio (JOFFILY, 1980, p.48 apud CARONE) explica que aquela ação era do conhecimento da polícia e de João Pessoa onde afirma:

José Américo, que estava encarregado da ordem no Estado, procurou sempre se mostrar inocente desse ato condenável, mas nenhuma força policial do Estado poderia tê-lo cometido sem o consentimento de José Américo ou de João Pessoa.

Demonstrando que seria praticamente impossível a realização tal diligência sem o conhecimento do então chefe de polícia, José Américo e do Presidente João Pessoa, já que o mesmo permanecia na cidade e o Palácio do Governo onde trabalhava situava-se na mesma rua do acontecido, onde fizeram

uma grande fogueira e queimaram móveis e papeis, certamente teria chamado a atencao ao menos o fogareu.

Não foram encontradas armas, e João Dantas se sentindo ameaçado já estava morando no Recife há dois meses. Foram encontrados apenas as cartas e poemas de conteúdo íntimo e lidas pelo presidente durante 5 dias seguidos, e a partir do dia 22 de julho do mesmo ano foram sendo publicadas pelo jornal A União, João Pessoa permitiu que fossem publicadas para desmoralizar João Dantas e deixá-lo fora de combate.

**Figura 8** – A invasão e o incêndio dos pertences de João Dantas



Paraíba, julho de 1930 incêndio dos móveis e pertences de João Dantas,  rua Direita, 519

**Fonte:** Joffilly (1980, p.102)

João Dantas ferido na honra aguardou o momento para lav-la com sangue como era comum naquela época e assim o fez no dia 28 de julho de 1930, soube que o Presidente João Pessoa estaria na capital Pernambucana e em companhia de seu cunhado Augusto Moreira Caldas, dirigiram-se  Confeitaria onde estaria o Presidente e atirou contra o peito do governante, que veio a falecer, João Dantas foi atingido com um disparo na testa feito pelo motorista de João Pessoa. Foi imediatamente preso juntamente com seu cunhado acusado de cúmplice do crime, ambos foram recolhidos a cadeia e l permanecendo até a morte.



**Figura 9** – Foto de João Dantas e Augusto Moreira Caldas na prisão<sup>6</sup>



**Fonte:** Piereck (1930)

Há muitas contradições também acerca da morte de João Dantas e Augusto Moreira Caldas na prisão, no dia 06 de outubro de 1930 de acordo com Joffily (1980, p.53), eles se suicidaram com um pequeno bisturi, para ele é bastante para considerar o duplo suicídio o fato deles terem deixado um documento de última vontade e exame grafológico considerado autêntico, ele ainda argumenta que como poderiam ter escrito tais bilhetes no momento dos assassinatos? Outra justificativa seria o fato de que João Dantas já havia expressado a vontade de se suicidar ao seu irmão Manoel Dantas que esteve a visitá-lo na prisão.

No entanto Joffily cita ainda em seu livro autores que discordam dessa versão tais como o do livro *Porque João Dantas assassinou João Pessoa* (1930) de Joaquim Moreira Caldas irmão de Augusto Moreira Caldas, ele afirma que João Dantas e Augusto Caldas foram assassinados pela polícia a julgar pela violação da cena do crime, comprovada em fotos dos corpos divulgadas na época. O filme *Paraíba Mulher Macho* corrobora com esta versão, em cena aparecem homens

---

<sup>6</sup> Esta foto teria sido manipulada para tentar ocultar as contusões na face de João Dantas que denunciariam que houve luta corporal descartando a tese de suicídio.

alguns homens uns a paisana e outros fardados e matam os dois com cortes no pescoço.

**Figura 10** - Foto de João Dantas e Augusto Moreira Caldas na prisão que teria sido supostamente a foto da cena real do crime



**Fonte:** Piereck (1930) disponível em: Blog do Higino

Enquanto isto a professora Anayde vagava pelas ruas do Recife, banida de sua terra desde a morte de João Pessoa fora se refugiar no Recife com intuito de ficar próxima a seu noivo onde viveu os últimos dias de sua vida em estado desesperador. Mudava de hospedaria com frequência com medo que fosse descoberta pela polícia, porém era apontada na rua como a prostituta do assassino do Presidente João Pessoa. Sem amigos, sem família após a morte do noivo viu-se sem saída não conseguiria suportar tamanha dor e desamparo tomando a decisão de suicidar-se também para por fim àquele padecimento.

Foi declarado na época como causa mortis envenenamento, em seu corpo não foi feita nenhuma necropsia, e não foi aberto nenhum inquérito policial, não foram tomados depoimentos das pessoas que estiveram com ela pela última vez e nem se sabe qual foi a substância que a matou.

Segundo Joffily (1980, p.55) não havia notícias sobre os restos mortais de Anayde Beiriz, havia apenas uma carta da Madre superiora do Asilo Bom Pastor onde ela faleceu. A Madre e o capelão que testemunharam a morte já faleceram,

mas a Irmã Maria Cecília que também testemunhara o fato continua viva e foi entrevistada pelo jornalista Eurico Reis. A pedido do referido autor, vejamos o texto que transcrevemos:

Em 1930 tinha eu 32 anos e ainda era na hierarquia do convento, uma jovem professora em atuação bastante limitada na administração do asilo. Mas bem me recordo, quando Anayde chegou com as crises compulsivas de vômito, sem condições para que se fizesse o registro de seu ingresso. Foi recebida pela irmã mestra Maria de Todos os Santos (já falecida) que na vistoria da bagagem das recém-chegadas, encontrou um vidro onde restavam alguns comprimidos. Quase todos já tinham sido ingeridos pela agonizante – que chegara conduzida sob custódia. A irmã superiora tomou duas providências: chamou um médico e pediu a Anayde que justificasse em carta as razões de seu gesto para resguardar a responsabilidade da instituição de caridade. Esse documento, bem como os pertences da suicida, ficaram com a polícia, que prontamente compareceu ao local, convocada pela Madre superiora. Discretamente retiraram o cadáver, num caixão branco, pelo portão dos fundos. Anayde aparentava uns 20 anos e tinha bonitas feições. Entrou no Asilo às 11 horas e morreu às 13:30 hs.

Como podemos constatar a freira narrou com riqueza de detalhes as últimas horas de vida de Anayde e seu sepultamento aconteceu no cemitério de Santo Amaro e em sua certidão de óbito constava pais desconhecidos endereço ignorado e causa da morte envenenamento. E segundo Joffily (1980, p.68):

[...] a professora paraibana teria que pagar o derradeiro tributo de uma dedicação inútil; enterrada no cemitério de Santo Amaro como desconhecida, sem pai, sem mãe, sem trabalho, sem domicílio e sem lugar de nascimento, como se vê na certidão de óbito (nº2585).

FIGURA11 – Certidão de óbito de Anayde Beiriz

11 n.º 11 Pag. 188

PUBLICA DOS E. U. DO BRASIL

REGISTRO CIVIL

Estado de Pernambuco  
Município de Recife  
Districto de Afogados

OBITO ( N. 2585 )

Junia do Carmo Chacón Official Inteira de Reg. Civil de Afogados

certifico que a fls. do livro n.º de registro de obitos foi perante hoje  
Anayde Beiriz, falecido ao 27 de cu  
de 1930, ás 17h horas, em sua residência do sexo feminino  
Pernambuco, profissão Doméstica, natural de Caruaru  
em Afogados e residente em sua residência de  
24 anos de idade, estado civil Solteiro, filho de  
e profissão  
natural de e residente em  
e de profissão natural  
e residente em  
Foi declarado por Juiz do Juízo de Direito de Afogados, sendo o atestado de  
por Dr. Leal e Malta que deu, como causa da  
o sepultamento sua  
terio de  
Observações:  
O referido é verdade e dou fé.

Afogados 28 de Outubro de 1930  
Junia do Carmo Chacón  
O official inteira

Fonte: Joffily, (1980, p.120)

Igualmente entre outras contradições está o seu sepultamento, existe a versão de que seu sepultamento fora providenciado pela família de João Dantas é o que afirmam em entrevista uma sobrinha de João Dantas Eda Dantas e uma sobrinha de Anayde, Ialmita Beiriz que mencionam em um documentário intitulado Anayde Beiriz e João Dantas um Romance nos anos 30 publicado em 26/04/2014, produzido na disciplina Produção de Vídeo I do curso de Mídias Digitais da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) ministrada pelo professor Bertrand Lira com direção de Emanuel Limeira e Lays Amaro.



Como podemos verificar ainda hoje a história da professora Anayde Beiriz permanece envolta em muitos mistérios e controvérsias, mas queremos crer que a falta de registros e documentos não nos impedirá de remontar sua história e nos aproximarmos da verdade.

## 6 METODOLOGIA

A metodologia é uma disciplina que se baseia em uma demonstração do caminho a ser percorrido para alcançar o conhecimento. Segundo Siqueira et al Apud Bailly(1950) Metodologia vem da palavra grega *Methodos*, *Methodo* que quer dizer meta e *hodos* que significa via, caminho. Podemos deduzir que método é o caminho que conduz ao objetivo, como estamos falando de metodologia científica podemos concluir que metodologia é o caminho que conduz ao conhecimento.

De acordo com Siqueira et. al (2008, p.10) :

A metodologia, bem como a lógica, se apresentaria, pois, como a ciência dos meios e da forma, aquela que encaminha “enforma” o conhecimento possível à ciência; e em boa medida, que dá parâmetros à própria ciência em sua tarefa de resolver, metodicamente, quebra-cabeças e produzir conhecimento em face de seus paradigmas.

Podemos entender assim a metodologia como uma ciência responsável por moldar o conhecimento com o propósito de resolver as questões de acordo com seus padrões.

O ser humano é por natureza um ser que está sempre em busca do conhecimento, é intrínseco dele procurar sanar suas preocupações acerca de sua essência e sua relação com o ambiente em que vive, assim ele busca respostas para essas questões e essa procura o faz pesquisador.

E neste cerne de pesquisadores focalizamos especificamente a pesquisa empreendida por nós sobre a reconstituição da memória de Anayde Beiriz, a qual nos acarreta um sentimento de estarmos montando um quebra-cabeças juntando fragmentos da trajetória da professora em questão promovendo uma análise crítica para o resgate de sua memória e concomitantemente desenvolver estudos acerca da relevância dos arquivos para a sociedade como forma de salvaguardar memória individuais e coletivas.

### 6.1 CARACTERIZAÇÃO DE PESQUISA

A nossa pesquisa é caracterizada como pesquisa qualitativa, por ser uma pesquisa que não aborda dados quantitativos, mas sim dados sociais como afirma (MINAYO et al, 2012, p.21) “[...]ela trabalha com o universo dos significados, dos

motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” Sendo assim podemos reconhecer esses acontecimentos como parte da realidade social e defini-la como qualitativa.

Ao adotarmos a abordagem qualitativa evidencia-se o olhar do pesquisador, ao qual afirma Godoy (1995, p.62) que tal pesquisa salienta o contato do pesquisador com o ambiente e a situação a ser estudada, aqui “o pesquisador é o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação de dados coletados.” Em consonância com a autora realizamos levantamento da vida de Anayde Beiriz além das obras em confrontação recorreremos a outras fontes.

A técnica utilizada foi a pesquisa bibliográfica, chamada também de fonte secundária reúne toda bibliografia a respeito do assunto como livros, escritos, teses, jornais, revistas, fotografias, áudios, vídeos, filmes etc. De acordo com (MARCONI; LAKATOS, 2010, p.166):

Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

E assim desenvolvemos a pesquisa utilizando livros, jornais de época, filmes, teses e documentários, fotos, mas em especial e particular atenção os gêneros arquivísticos descritos ao longo da pesquisa: a escrita de Joffily e o filme de Yamasaki. Consideramos que o nosso trabalho seja pioneiro nesta forma de confrontar obras de ficção de suportes/gêneros distintos para a busca de dados memoriais.

O processo da pesquisa iniciou-se com a escolha do recorte: as duas obras de ficção de suportes diferentes para reconstruir a memória de Anayde, mas ao longo do trabalho surgiram novas direções a serem analisadas dentre eles o fato do filme ser baseado no livro referido mas apresentar narrativa diferente, assim tivemos que levar em conta as peculiaridades dessas obras, já que carregam em si a visão dos autores sobre o tema repleto de contradições (tendo em vista a carência de documentação oficial que subsidiasse pesquisa nos arquivos em busca da verdade).

(Re)construir a memória de Anayde Beiriz foi uma tarefa complexa, sua história está encoberta pelo preconceito de uma sociedade numa época de agitação política sujeita a manipulação de informação em favor das classes dominantes.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeira análise podemos afirmar que com relação a confrontação de suportes e gêneros documentais a obra em suporte papel e gênero impresso representada pela obra intitulada Anayde Beiriz Paixão e Morte na Revolução de 30, adquire mais credibilidade por ser um relato do autor que viveu na época dos acontecimentos, uma vez que seja uma obra literária, contempla maior número elementos presentes em documentos oficiais.

O filme Parahyba Mulher Macho mesmo que baseado na obra escrita, diverge em muitos pontos. A autora exagerou nas cenas com imagens de violência sexual, deturpando a personalidade de Anayde Beiriz, mas que atingiu a grande massa, na época do lançamento foi muito assistido e pode ser que alguém que tenha visto apenas o filme tenha fixado sobre Anayde apenas a imagem que se projetou nas telas.

Demonstramos nesse trabalho a relevância dos arquivos para a construção da memória e a sua função social pois tem a missão de colher, conservar e promover o acesso aos documentos escritos ou não, e dar acesso a quem possa interessar (usuários). Atestamos que a sua inexistência compromete o resgate de memória seja ela individual ou coletiva afetando aquilo que o ser humano tem de mais precioso, a sua dignidade.

A memória individual de Anayde foi acessada pelos textos escritos que restaram, foi possível vislumbrar mesmo que parcialmente os sentimentos contidos em seu íntimo: revelou-se uma mulher romântica, sonhadora e sedenta de liberdade para expressar seus pensamentos e que sofreu por amor.

No caso da professora, poetisa, guerreira e mulher Anayde Beiriz, consideramos vários aspectos que pudessem (re)produzir uma história recheada de contradições, entendemos que a sua memória coletiva foi atingida por ela ter sido uma mulher fora dos padrões do seu tempo, ela era uma bela mulher e apenas isso já seria justificativa para atizar a ira das “mulheres de família” e seu comportamento ousado afastou muitas amizades, por julgá-la indigna de suas companhias.

E grande maioria dos homens enquanto patriarcas, não a queriam perto de suas famílias, talvez em segredo a desejavam em suas alcôvas a julgar pela forma em que eram tratadas as mulheres da época que seriam apenas mães para seus filhos e nada mais, sem direito a expressarem suas vontades e opiniões; estavam condenadas a transitar apenas entre a cozinha e os cuidados com a prole, eram

proibidas de exercer sua intelegibilidade, eram seres sem opiniões, sem voz e até mesmo “assexuadas”, no entanto moças como Anayde estavam fadadas a sofrerem a exclusão e o preconceito, seriam apontadas nas ruas como prostitutas mesmo que nunca houvessem vendido seu corpo, apenas pelo fato de não aceitar as regras impostas pela sociedade machista.

E nessa conjuntura viveu Anayde, uma mulher destemida dotada de inteligência e dona de suas vontades. Ousava expressar suas ideias e seu descontentamento com a condição das mulheres de seu tempo. Aspirava a liberdade de ser comandar seu destino, viver do fruto de seu trabalho e ser livre para amar.

Joffily (1993, p.65) faz uma comparação interessante entre Anayde Beiriz e Branca Dias ambas tiveram suas vidas ceifadas precocemente por defenderem suas ideias, Branca Dias<sup>7</sup> foi consumida na fogueira da Inquisição e Anayde Beiriz enterrada na “sepultura do esquecimento”.

Outro ponto que nos fez refletir bastante foi o fato de sua memória ser apagada quase que totalmente da história ou quando muito lembrada apenas como amante do assassino João Dantas.

Consideramos que conseguimos atingir nossa proposta no tocante a reconstrução da memória de Anayde considerando a escassez documental sobre ela; esse trabalho nos possibilitou adentrarmos na real essência do “ser e fazer arquivista” na perspectiva de se um pesquisador e essa experiência nos levou reconhecer quão nobre e instigante pode ser a profissão que escolhemos.

---

<sup>7</sup> Paraibana morta na fogueira da Inquisição

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Chico; RAMALHO, Lúcia Capri; RIBEIRO, Marcos Venício Toledo **História da Sociedade Brasileira**. Curitiba: Editora do Livro Técnico, 1994.

ANAYDE Beiriz e João Dantas. Produção de Lays Amaro e Emanuel Limeira. João Pessoa. UFPB, Departamento de Mídias Digitais, 2014. 1 Videocassete (18:40 min.)

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivo Público do Estado de São Paulo**. Coleção Como Fazer 08. Como Fazer Análise Diplomática e Tipológica em Documentos de Arquivo. Disponível em: < [http:// www.arqsp.org.br/oficinas\\_colecao\\_como\\_fazer/cf08.pdf](http://www.arqsp.org.br/oficinas_colecao_como_fazer/cf08.pdf)> Acesso em: 13 jul. 2014.

BRASIL. Norma Brasileira de Descrição Arquivística. **Conselho Nacional de Arquivos**. Rio de Janeiro. 2005  
Disponível em: <[www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/downloads\\_nobrade.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/downloads_nobrade.pdf)>  
Acesso em 21 set. 2014

CINEMATECA BRASILEIRA. **Filmografia Parahyba Mulher Macho**.  
Disponível em <http://cinemateca.gov.br/> Acesso em:04 Nov 2014.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. **Conselho Nacional de Arquivos**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <[http://www.arquivonacional.gov.br/download/dic\\_term\\_arq.pdf](http://www.arquivonacional.gov.br/download/dic_term_arq.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2014.

FUGUERAS, Ramón Alberch; CRUZ Mundet José Ramón. **Archivese: Los documentos del poder, el poder de los documentos**. Madrid; Alianza Editorial, 1999.

GIMENEZ, Karen. NUNES, Rogério. Sumérios os Inventores da História. **Aventuras na História**. Disponível em: < <http://guia do estudante.abril.com/aventura-historia/sumerios-inventores-historia-4335550.html>>. Acesso em 22 nov.2014.

GODOY, Arilda Shimidt. Introdução à Pesquisa Qualitativa. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63. Disponível em:<<https://www.scielo.br/>. Acesso em: 13 jul. 2014

GODOY, Rosa Maria Silveira. **Os Arquivos e os direitos humanos: Perspectiva legal do direito de acesso**. João Pessoa, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução: Laurent Léon Shaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda. Disponível em:<<http://pt.scribd.com/doc/223270836/A-Memória-Coletiva-Maurice-Halbwachs>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

JARDIM, José Maria. A INVENÇÃO DA MEMÓRIA NOS ARQUIVOS PÚBLICOS. **Ciência da Informação**. Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: [http://www.brapci.inf.br/\\_repositorio/2010/03/pdf\\_cfb64eeaa1\\_0008801.pdf](http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_cfb64eeaa1_0008801.pdf). Acesso em: 26 jul. 2014.

JOFFILY, José. **Nos Tempos de Branca Dias**. Londrina: Pé Vermelho Editora, 1993.

JOFFILY, José. **Anayde Beiriz, Paixão e Morte na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: CBAG Editora, 1980.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <<https://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/História-e-Memória.pdf>>. Acesso em: 14 jun.2014

LOPEZ , Pedro Gomez ; GALLEGO, Olga Dominguez. **El documento de archivo** : un estudio. A Coruña : Universidade, Servizio de publicacións, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Maria Eva. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

PARAHYBA mulher macho. Produção de Tizuka Yamasaki. Rio de Janeiro: EMBRAFILME. Intérpretes: Tânia Alves; Cláudio Marzo; Walmor Chagas e outros. Roteiro: José Joffily Filho e Tizuka Yamasaki, 1983. 1 bobina cinematográfica (88 min), son., color., 35mm. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JwBIBqs7mlg>>. Acesso em 18 Jun. 2014.

PINHEIRO, Mariza de Oliveira. **Anayde Beiriz e a Escrita de si** (Educação, história e relações de gênero). Natal: UFRN, 2008.

PROUS, André; JORGE, Marcos; RIBEIRO, Loredana. **Brasil Rupestre-Arte Pré-Histórica Brasileira**. Belo Horizonte: Editora C/Arte 2007.

QUEIROZ, M, et al . **Revista Brasileira de Arqueometria e Restauro de Acervos documentais**. Disponível em: < <https://restaurabr.org/site/restaurabr/CICRAD.2011/M4%20aulas/M4A1.pdf>>. Acesso em 22 nov. 2014.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp. 2000.

ROUSSEAU, Jean-Yves e COUTURE, Carol . **Os Fundamentos da Disciplina Arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SANTIAGO, Emerson. Pequena História das Invenções. **Infoescola**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1976. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/comunicacao/pergaminho/>>. Acesso em : 19 set. 2014.

SHELLENBERG, Theodore. **Arquivos Modernos**. Tradução: Nilza Teixeira Soares, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

SILVA, Alômia Abrantes. Paraíba, Mulher Macho. Tessituras de Gênero, (Desa) fios da História (Paraíba Século XX). **Repositório da UFPE**. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/>>. Acesso em: 11 set. 2014.

SIQUEIRA, F. et al. **Como elaborar Projeto de Pesquisa**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 2008. Cap. 1.

TEIXEIRA, Francisco M.P. **Brasil História e Sociedade**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

VICENTINO, Cláudio. DORIGO, Gianpaolo. **História para o Ensino Médio, História Geral e do Brasil**. São Paulo: Editora Scipione, 2005.



**ANEXOS**

**ANEXO A** – Foto do Palácio da Redenção, sede do governo do Estado da Paraíba.



**Fonte:** Acervo pessoal (2014)

**ANEXO B** – Foto do Palácio da Redenção com destaque para o Mausoléu de João Pessoa.



**Fonte:** Acervo pessoal (2014)



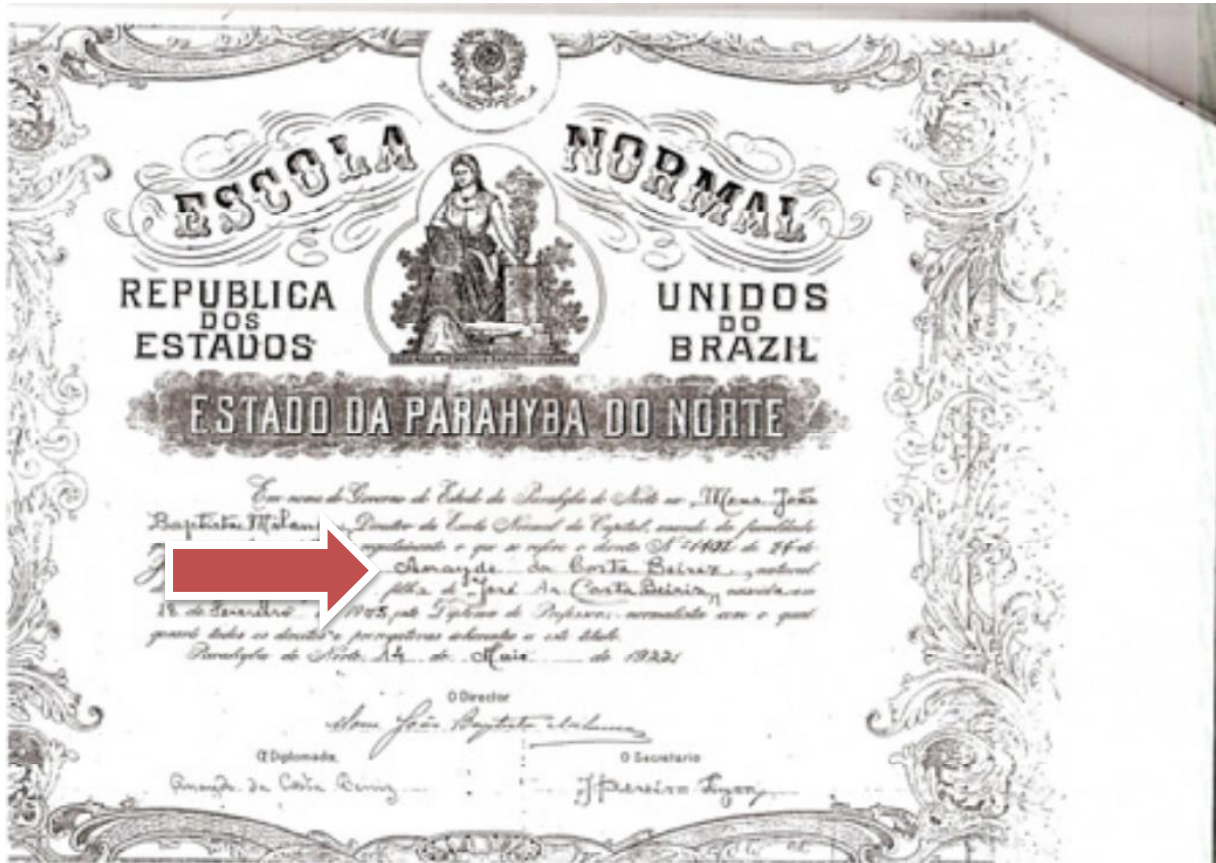
**ANEXO C – Foto da última casa em que morou Anayde Beiriz**

Fonte: Acervo pessoal (2014)

**ANEXO D – Foto com destaque para a placa com o nome de Anayde incorreto**

**Fonte:** Acervo pessoal (2014)

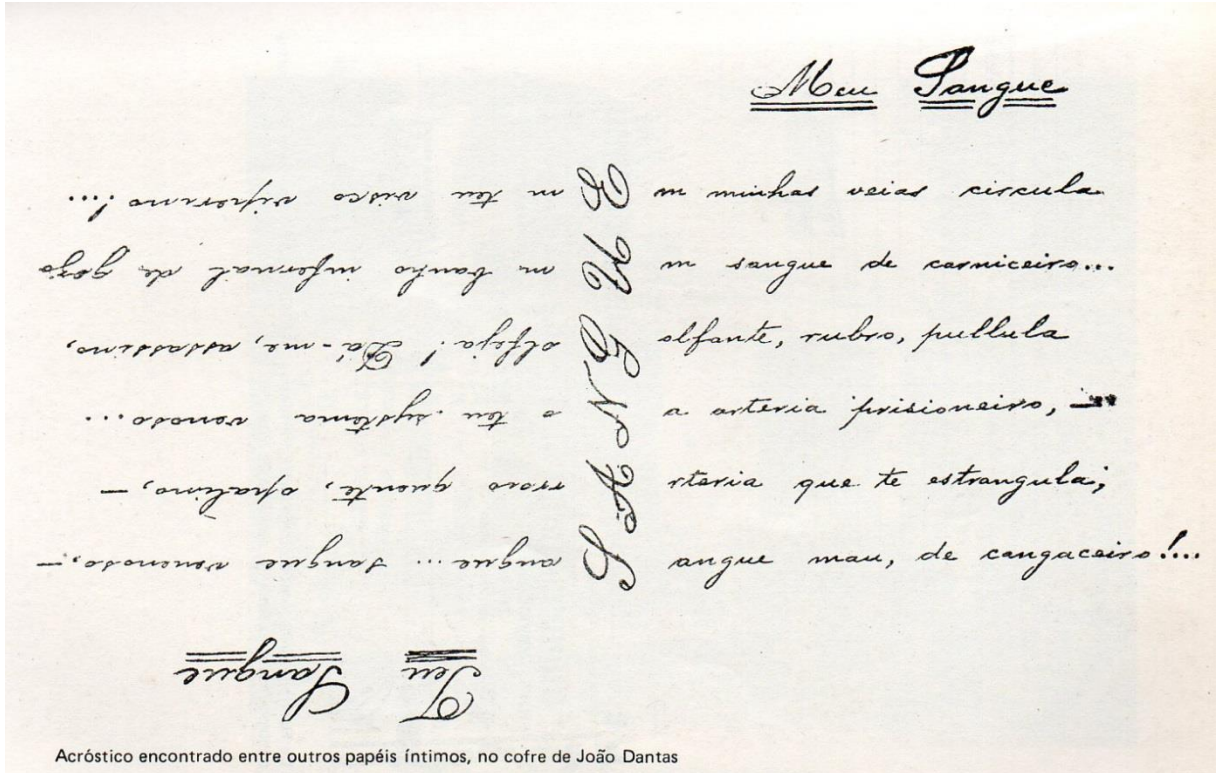
ANEXO E – Diploma de Anayde Beiriz, comprovando o nome correto



Fonte: Anayde Beiriz e a Escrita de Si (Educação, história e relações de gênero) Pinheiro, (2008, p.115)



ANEXO F – Poema encontrado no cofre de João Dantas, foto do livro Anayde Beiriz Paixão e Morte na Revolução de 30



Fonte: Joffilly (1980)

**ANEXO G** – Foto de carta de repúdio a João Pessoa escrita por João Dantas publicada na imprensa de Pernambuco.

### **AS VOLTAS COM UM DOIDO**

(João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque)

Por mais ridiculo que me pareça na vangloria da tua immensuravel e estupefaciente valentia, decantada, todos os dias, pela penna alugada dos teus folicularios, na gazeta official do teu governo; por mais tola que se me afigure a tua presumpção de que, nos esgares da tua furia de neurasthenico, assombra meio mundo, eu prefiro, em todo caso, a tua bravura de actor barato em papel de Napoleão a esse humorismo insulso com que, á ultima hora, quasi ao descer do panno, viesse á scena.

Decididamente, Joca, não dás para isso. Não contraries a tua vocação, que é toda para os lances dramaticos. Ella teve o do berço, é dom innato, só a cova t'a arrancará. Não tentes, pois, desvial-a para o circo. Considera, ademais, que ainda és presidente e melhor te fica a tragedia do que a truanice.

Com que então, meu palhaço, estás mesmo convencido de que me foi applicada uma sóva, na estrada de Mamanguape, por "um matuto, filho de Maria Padilha, que fôra surrado, por quatro cabras", a meu mandato?...

Mas, Joca, debes ter mais escrupulo em converter, por essa forma, a "A União", que custa tão caro ao Thesouro, em vehiculo de historias da Carochinha.

D. Maria Padilha, senhora idosa, viuva e a quem não debes tratar assim, de resto, como a qualquer mãe de almocreve, (mesmo porque a estimavel matrona é prima do nosso excellente Murillo)..) ainda está viva e sã, na Bahia da Traição.



Teve cinco filhos, dos quaes dois nasceram varões. O mais velho, hoje fallecido, o bonissimo camarada Antonio, meu vizinho durante longo tempo naquella povoação, manteve sempre commigo as melhores relações de cortesia. O mais novo, o Francisco, deixou a Bahia da Traição, ainda em verdes annos, passou longa temporada no extremo norte do pais e voltou áquella praia ha alguns annos passados, já depois de transferida a minha residencia para a capital do Estado. Tambem desse, que mal conheço, jamais recebi a mais leve offensa e só a tua phantasia inventiva, Joca, poderia crear a lenda de uma surra soffrida por qualquer dos dois, de minha ordem.

Quem teria, então, me dado a sóva, tomado o revolver e feito correr, em disparada, por aquella maneira jocosa narrada d'“A União”? Seria madame Manuel Avelino, a filha casada de D. Maria? Ou seria uma das duas senhoritas- mademoiselle Julia ou mademoiselle Moça?...

São desse jaez as invencionices que occorrem ao teu espirito futil, João Pessoa, e que se publicam, de tua ordem no diario official do Estado, para empanar o valor dos teus adversarios... Nos sustos e tremeliquees que te atormentam nas pungentes crises do teu medo, do teu terror de Princeza — dessa Princeza da tua insomnia, que será o teu eterno pesadelo das tuas noites, dessa Princeza reducto invicto da bravura sertaneja, da qual não ousam approximar-se as tuas tropas e onde, entretanto, todo mundo passeia livremente, nessas maleitas de panico que te affligem, repito, tu suppões que toda a gente tem os nervos relaxados como os teus e queres que todos os teus inimigos sejam covardes.

Covardes são os Dantas; poltrões são os Suassunas e não ha ninguem mais mofino do que José Pereira. Os defensores de Princeza que não passam, segundo dizes, de uns seiscentos e tantos, são todos uns fujões, não ha um só que se aproveite...

Mas quaes serão, Joca, os valentes que ha mais de cem dias desbaratam em todos os recontros as timidias vanguardas do teu exercito de tres mil homens e desafiam a tua raiva impotente?

Onde os bravos contra os quaes já mobilizaste toda a Força Publica, creaste um novo batalhão, alistaste centenas de civis a 10\$000 diarios por cabeça, utilizaste cangaceiros vindos de toda a parte, recorreste ao corpo de bombeiros e até á guarda-civil?

Que gente sem valia é essa que para atacar, precisas prender se-



nhoras, como refens, preparas carros e carros blindados que não vingam rampas e adquires aviões que não vôam e logo no primeiro ensaio dão cabo do piloto?

Porque te esbofas, dia e noite, á cata de munições, e a que vem em cada mez, a mudança de commando, de militar para civil e vice-versa?

Mas toda essa gente é covarde e vive apavorada comtigo... Valente na face da terra, só... o Joca.

Realmente, não te faltam feitos de coragem e só necessitas de um biographo, mais pachorrento e desocupado do que eu para que passes á historia.

Ahi estão para não falar de outros, os episodios epicos da bengala de Eduardo Pinto, o de um teu constituinte portuguez, em certo escriptorio de advocacia, no Rio de Janeiro, que te fez lepido, rodear uma mesa, junto á qual se achava Duarte Dantas, e o recente, recentissimo, daquella noite indormida, passada em Princeza, em que, nos suores frios de um pesadelo, te suppuzeste trancado a chave por José Pereira, irremediavelmente destinado á sangria, e deixaste em deploravel estado os alvissimos lençoes de quem tão fidalgamente te hospedára.

É tempo de ires pondo de lado esses arroubos de valentia de que nunca deste mostras antes de encarapitares nas immunidades de presidente.

Deixa-te disso, mesmo porque, para esses desabafos literarios pela tua gazeta arvorada em pelourinho dá reputação alheia, tu não tens folego. Os teus escriptos são como os teus discursos: não ha enxerto, ou póda que lhes dê geito. Para os teus solecismos não ha concerto possivel e ninguém será capaz de acertar em passo choreographico a dança macabra dos teus pronomes.

Se ainda te voltar, num intervallo das tuas crises, um pouco de serenidade e lucidez, relê as collecções do teu pasquim e constata, horrorizado, a autobiografia que nos vaes deixar.

Pessoas tidas no melhor conceito, altos funcionarios federaes, familias das mais illustres e tradicionaes do Estado, todos emfim, que incorrem no teu rancor, são ali cobertos dos mais soezes baldões.



No mais frivolo commentario do organ official do Estado, posto a serviço dos teus desabafos este é um infame, aquelle um biltre, aquell'outro um patife.

Mas tu, que menosprezas a tal extremo a dignidade alheia; tu, que atiras diariamente injurias collectivas, visando familias inteiras; tu, que em linguagem de arrieiro, no calão mais reles, passas descomposturas mesmo a pessoas que não conheces, serás outra coisa que não um biltre, um patife?

De mim, dizes que sou um "aventureiro", um "scelerado"?, um "miseravel", um "bandido"...

Não necessito defender-me de injurias tão vis, num meio onde sou conhecido e onde tenho conceito firmado que desafia toda a tua virulencia.

Pergunto-te, no entanto, se conheces aventureiro mais sem escrupulos, scelerado mais horripilante, miseravel mais repulsivo, bandido mais completo do que tu, que tentaste matar o teu proprio pae, na casa paterna?

Sou ainda no teu dizer, um ladrão. Chegaste a indicar o furto que me attribues, — o de um chapéo de manilha pertencente ao deputado Pedro Firmino...

Tambem não me defenderei dessa vilta, digna somente de ti. Nem sequer publicarei a carta que me dirigiu em 1912 o Dr. Pedro Firmino, mandando-me o seu vehemente protesto quando um villão como tu deu curso a essa invencionice.

Outro ladrão, ainda ao que ousas dizer, é o meu venerando pae, a quem vilmente insultas e calumnias, affirmando que atacou a cidade de Patos para roubar.

No archivo competente, deve existir o inquerito mandado instaurar contra os revolucionarios de 1912, por um governo contra o qual elles se bateram. E as provas colhidas pelo digno e integro magistrado que presidiu esse mesmo inquerito, como chefe de policia em commissão, valeram pela melhor defesa ao procedimento desses rebeldes.

Em manifesto publicado n" "A Provincia", desta capital, logo depois de verificada a intervenção federal que poz fim à luta, assumiu



Franklin Dantas a responsabilidade integral desse movimento armado, coragem e altivez que outros não tiveram.

Nenhum dos seus adversarios se atreveu a contradictal-o, ninguem lhe irrogou a mais leve censura.

Agora, passados dezoito annos, appareces tu, João Pessôa, e lhe atiras a pecha de ladrão.

Mas, João "Guitarra", podes tu, acaso, pronunciar esse vocabulo?

Ladrão és tu, ostra de ministerios, aristim de repartições federaes, no exercicio infrene da tua desbragada advocacia administrativa; ladrão és tu, magistrado cavador e negociista, que mal despias a toga de ministro do Supremo Tribunal Militar, sobraçavas a pasta dos gordos negocios da Parahyba; ladrão és tú, juiz-corretor, de contas confusas e parcellas inextricaveis de 368.000\$000; ladrão és tu, administrador sem escrupulos, que abarrotas as algibeiras fraternaes, com o monopolio dos contractos pingues e engenhosas concorrencias; tu, sim, João "Guitarra" é que és um ladrão.

De onde te veio a tua grande fortuna?

Explica-a, beneficiario da herança de José Heronides.

Ganhaste-a porventura, na advocacia honesta, bacharelete das duzias, senão das grosas?

Agora, á vontade, Joca! Desaçaima, de vez, a cainçalha faminta dos teus pasquins, augmenta-lhe as rações, açula-a quanto puderes e atira-a, toda, de dentuça a mostra, aos meus tacões.

Toma, entretanto, um conselho salutar. Raspa logo no Thesouro esse resto de cobres que por lá existe, se é que já o não fizeste, queima sem demora o "ultimo cartucho", ainda que o dispare para o ar, e vae seguindo para o Rio.

Porque se ahi permaneceres, com semelhantes crises de nervos, irás, na certa, em qualquer destas tuas fortes de Junho, dar com o costado no "Juliano Moreira".

Então, adeus vidoca feliz de ministros, adeus corretagem e negocios gordos.

E que ditador, que grande ditador perderia o Brasil...  
 Recife, 6 de Junho de 1930.

**João Duarte Dantas.**

(Artigo publicado na imprensa de Pernambuco).